

# O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA  
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS

GUMMARAES

TODA A CORRESPONDENCIA

Anno ..... 300

DOMINGO 9 DE JANEIRO DE 1887

Deve ser dirigida á

Com estampilha ..... 360

REDACÇÃO

## O AMOR

(Conclusão)



**D**EPOIS de fel mel. E assim devia ser. Quando sensações agradaveis e consoladoras succedem a desconsoles e desalentos, reanimam-nos as palpitações de uma alegria que enthusiasma. Quando esperanças luminosas succedem a um desabar continuo de illusões, a nossa alma parece embeber-se na immortalidade de um gozo que rejuvenesce.

E por isso que eu termino esta minha palestra acerca do amor com umas palavras menos picantes do que aquellas com que tenho demonstrado as minhas proposições.

Aposto que já algumas de vossencias tinham odiado o «Bijou» por elle proclamar tão extravagante doutrina! E então o auctor esse é que devia ser aureolado de odios... de censuras... de pragas... Por mais sympathico e bondoso que fosse o olhar de vossencias, de certo tem fitado o meu nome com a severidade e rancor com que se fita um quadro repellente.

Pois, minhas sympathicas leitoras, tudo o que eu disse acerca do assumpto não são theorias inventadas por mim, nem banalidades que partem de um espirito maldizente acostumado aos ridiculos da sociedade e ás comedias de salla. Eu disse que o amor era uma farça, que era mais amargo que doce, mais prejudicial que proveitoso e conclui com a elegia tristissima d'esse que está lutando nos paroxismos da morte envenenado pelo sensualismo dos Lovelaces, e esterilizado pelo pieguismo das Julietas. Ora, chamar a isto theorias, é um erro de lesalogica. Eu não disse mais do que o que colhi da observação e experienciã (sem to-

devia ser um Alexandre em questões d'amor).

Podia ser que me enganasse; mas estou convencido que só disse puras verdades.

No entanto, se alguma de vossencias tem feito outros estudos mais completos e mais rigorosos sobre o assumpto em questão, eu desejaria muito que me desmentisse á face da verdade e não me envergonharia de ser vencido por uma heroína do sexo amavel.

Eu citei muitos escriptores que ridicularisam e aviltam o AMOR; mas longe de mim a ideia de fundamentar unicamente n'essas auctoridades a minha argumentação; porque contra ellas podem apresentar-me um catalogo infindo de escriptores que o divinizam, fazendo do amor um gozo absoluto, um sonho de delicias, uma aspiração santa, um poema grandioso, o sentimento mais bello da vida... etc.

Tambem podem dizer-me que ha diferentes especies de amor, salvando assim, o amor verdadeiro, das minhas injurias. Para argumentar d'este modo, basta lér Stendhal que diz haver quatro especies de amor: amor-paixão—amor-gosto—amor-physico—e amor-vauidade, e finalmente todos esses reportorios DE FEIRA chamados CHAVES DOS SONHOS E CONSELHEIROS DE AMANTES, CODIGOS DE AMOR, etc.

Mas a resposta a estas opiniões não pode ser senão um sorriso sarcastico em duello com um bravo de troça...

O amor é um só. Os poetas e os philosophos são quem o tem mascarado de diferentes formas, expondo-o, como um arlequin ingenuo, ao ridiculo do bom-senso.

Dous aspectos unicos ha sob que podemos considerar o AMOR:

São: o amor antigo, o amor metaphysico, idealista, o amor pieguismo, o amor litteratice que Junqueiro detecta—e o amor de INVENÇÃO MODERNA: o amor physiologico, materialista, o amor sensualismo.

O primeiro faz com que contemplemos a mulher amada no extasi d'uma loucura inconsciente, exclamando boquiaberta: que anjo aquelle!

O segundo faz-nos adoral-a simplesmente pela plastica das formas, romando por entre dentes : «que boa mulher !»

Um faz de nós coração sem peito. Outro faz de nós peito sem coração.

O primeiro faz-nos cobardes, mysticos, monomaniacos. O segundo faz-nos pedantes, estupidos, selvagens.

Um é um preconceito inutil. Outro é um desastre social.

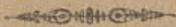
Mas então, dizem vossencias : havemos de ficar sem o AMOR, a nossa luminosa esperança, o mais bello romance da nossa mocidade ?!

Deus nos livre de tal ! Isso nunca.

Eu responderei no «Bijou» seguinte, terminando as minhas PRELEÇÕES AMOROSAS, se a delicada condescendencia de vossencias quizer aturar-me a ultima vez.

Coimbra—Dezembro—86

BRAULIO CALDAS.



PROGREDIOR

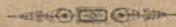
Dantes, se, por demencia, algum vilão  
 Vos insultasse, teria a certeza  
 De lhe ficar bem cara tal vileza,  
 Embora não tivesse imputação;

Hoje, graças á muita illustração,  
 Quem de nobre e sensato mais se preza  
 Crava vos um punhal com tal destreza.  
 Que vae... para o hospital, de observação.

Acho boa a medida; e reconheço  
 Que, da phrenologia para estudo,  
 Mais vale um craneo vivo, que de gelso;

O vivo pensa, falla, não é mudo;  
 Diz o muito que sabe, e do Progresso  
 Diz muito mais do que isto, diz-nos tudo.

F. Costa.



A FESTA DO COLLEGIO ACADEMICO

(A MEU IRMÃO E AFILHADO

JAYME D'ABREU)



QUANDO, no decorrer da existencia, descendo, no declive rapido que conduz á eternidade, se, de longe em longe, o viajero encontra, na orla da estrada, um recinto verdejante, ensombrado pela ramagem fron-

dente, de um carvalho secular, repousa ali uns instantes, tranquillo e feliz. O tenue sopro da aragem, que balança de leve, a folhagem dos arbustos, e meneia brandamente as hervinhas do prado, é para o cansado peregrino uma caricia suave. As avesitas alegres e descuidadas consolam-n'o com os seus melodiosos cantos e retornellos.

A noite de 5 de dezembro, noite de festa no Collegio Academico de Braga, pode considerar-se para a vida como o oasis para o deserto.

Chamava-me áquella festa, o affecto, duas vezes grande, e duas vezes santo, que consagro a um dos membros da commissão dos festejos, o alumno Jayme d'Abreu.

Logo á entrada no elegante theatrinho, maravillou-me a amabilidade e galhardia, com que os distinctos collegiaes recebiam todas as pessoas, que obsequiosamente tinham convidado.

O salão estava com muita simplicidade e bom gosto, adornado de heras e bandeiras, e brilhantemente illuminado.

A joven commissão, borboleteando por entre os convidados, fazia lembrar um bando de mariposas, que tendo despertado do seu lethargo aos primeiros raios de sol primaveral, se espalhassem alegres e buliçosas, nas alas de um jardim florido.

O desempenho das comedias, scenas comicas e recitações, de que se compunha o espectáculo, foi surpreendente, e justissimos os applausos com que o publico victoriou os jovens actores-amadores; havendo unicamente a sentir que os espectadores, sem duvida por distracção, excluisssem d'estas demonstrações de agrado o academico que no desempenho da scena comica—«O beijo»—se houve com notavel méstria.

De todas as felicitações e applausos tinha direito a partilhar o ex.<sup>mo</sup> sr. José Araujo Motta Junior, que, mais do que muito digno director do Collegio Academico, é um verdadeiro pae para

os mancebos confiados á sua direcção, e tanto concorreu para o triumpho obtido pelos seus filhos. Não só eu, como muitas outras pessoas, sentimos estes dous esquecimentos, unicas notas discordantes na harmonia d'aquella festa, da qual devem conservar gratíssima recordação todos aquelles que tiveram a boa sorte de assistirem a ella, por honrosissimo convite do ex.<sup>mo</sup> snr. Motta Junior e distincta e amavel commissão dos festejos

Vieira—dezembro 86.

VIRGINIA D'ABRFU.

### CONFISSÃO

Não sei que estranho olhar tu me lançaste  
No primeiro momento em que te vi...  
Que logo prezo e prezo me senti  
Eu, o ser tão feliz, a quem amaste.

Ante um altar de creanças côr de rosa  
N'esse instante, a minh alma ajelhára  
Ella—o cynico atheo, que nunca amára,  
Aristocrata altiva e desdenhosa.—

Segui-te como ao corpo a sombra vã  
E ceguei ao fulgor da tua luz,  
Astro d'oiro, oh estrella da manhã.

Vou na estrada, que ao Golgotha conduz  
Pois se ha para mim a salvação  
E' nos languidos braços d'essa cruz.

Coimbra.

ALBERTO SILVEIRA.

### BOLETIM ELEGANTE

(Fez annos no dia 3) D. Elisa de Jesus Fernandes.

Desde o dia 10 até ao dia 18 fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sdr.<sup>as</sup>:

Dia 10—D. Maria de Belem Azevedo Machado.

Dia 12—D. Maria das Dores Ferreira da Silva.

Dia 18—D. Rosa Adelaide Teixeira de Menezes.

### ANNIVERSARIO NATALICIO

Fez hontem annos o ex.<sup>mo</sup> Conde de Margaride.

Felicitamos sua exc.<sup>a</sup>.

Cordealmente agradecemos as visitas que nas ferias do Natal pessoalmente nos foram feitas pelos nossos prestimosos amigos e collaboradores os ex.<sup>mos</sup> snr.<sup>os</sup>: Braulio Caldas, Antonio Leal, Custodio Guimarães e A. Leão Martins; aquelles já regressaram a Coimbra e estes ao Porto.

### ILLUSÕES

Á Ex.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. M. A. L. M.

Não sentes já a avesinha  
Saltitar no salgueiral?  
D'amor trinar meigo canto  
Envolta em divinal manto  
De rocio matinal?...

Nem das flores a fragancia  
Embalada pela brisa?  
Quem pode esquecer o encanto  
Origem d' affecto tanto,  
Que em amor se crystallisa?

Quem por um jasmim nevado  
Sente a alma enamorada,  
Sempre ao vicejar d'aurora...  
Harmonias d'alvorada!

Sempre que da madrugada  
Me extasia o seu frescor  
Eu penso ver desenhada  
No espaço, matizada,  
A meiga palavra... Amor!

Porto—dezembro de 86.

F.

### MEDIEVAES

A CUSTODIO FREITAS.

**A MANHECERA.** A paisagem desenrolava-se uberrima de tintas frescas e bem combinadas.

A madresilva espreguiçava-se mórbida ao longo dos velhos plátanos; os malmequeres salpicavam de branco a relva fresca e viridente e as violetas evolavam na atmosfera o aroma distincto e penetrante dos calices perfumados.

Tudo fruia; só Lelia, a pobre creança, com o rosto escondido n'um lenço de finissimo *baptiste*, lamentava

os efeitos d'um amôr esquecido, deixando deslizar das palpebras azuladas, fios tenuíssimos de pérolas. É que as lagrimas muitas vezes são o lenitivo de quem sófre, e as unicas confidentes do amor!

Estava éla revendo as lútas que no seu espirito se travavam, quando súbito ouviu o trote cadenciado de corceis e os alegres latidos d'uma matilha. Abriu repentinamente a ogiva, e o sol, o eterno folgasão inundou-lhe em catadúpas de luz o *boudoir* fresco e perfumado.

Debruçou o busto airoso sobre o peitoril encaixilhado em mulduras de musgo e trepadeiras e viu parar Aprigio, montado n'um soberbo cavalo de raça álana. Este, saudou-a com um sorriso; e tirando da *bluse* de malha de seda uma pequenina bocêta, ordenou a *Miss*, uma formosa cadêla branca como a espuma, saltasse o muro e a deposesse no jardim. O inteligente animal escalou d'um púlo o muro e foi depositar entre um canteiro de violetas o que Aprigio imperiosamente ordenara, desaparecendo em seguiffa como uma flecha no meio da urze que bordejava o caminho.

Lélia estremeceu, como se a tivesse atravessado uma corrente galvanica; desceu apressadamente a escadaria que dava para o jardim, passou a ponte levadiça; apanhando a pequenina bocêta, foi-se esconder sob um caramanchel onde as flores azues campanuladas se confundiam com o loiro dos cabêlos. Abriu, e desenrolando uma espiral de pergaminho, leu em voz baixa:

LÉLIA.

Perdi-te, creança! Nas mãos de teu nobre tio deve estar a escada de seda com que todas as noites costumava escalar o muro do jardim. Sê perseverante; crê muito no teu

APRIGIO.

Lélia sentiu extinguir-se-lhe a voz. Pálida e como que os seus labios tragassem uma taça de cicúta, deixou cair o corpo flexível sobre a relva,

murmurando baixinho: sou muito infeliz!...

Lélia, a simpatica protagonista do meu pequeno conto, já não tinha Mãe! Perdera-a, quando dos seus pequeninos labios principiavam a deslizar os primeiros sorrisos meigos de creança.

Confiada aos cuidados d'uma aia velha e egoista, não tardou que em si nutrisse um horror aos conselhos que essa megera atrofiada pela vida do claustro, continuamente lhe incutia no seu pequenino cerebro.

O pae, nobre conde d'Oldoini nascido na opulenta cidade de Florença, era-lhe pouco o tempo para desperdiçar em dispendiosas caçadas e continuas partidas de cavaleria. Educado no estilo da época, o seu castelo era o *rendez-vous* dos principaes magnates de Florença e dos argentarios feudaes da cidade dos Doges.

Nos sumptuosos salões do seu castelo, tinham logar quasi sempre os celebres *tribunaes do amor*, e era lá onde n'um redopiar ingente as damas saltitavam ao som dos alaúdes tangidos pelos mais distinctos trovadores. Emfim, todas as partidas dadas no castelo feudal d'Oldoini, tinham o cunho sardana-pálico.

(Continua)

Antonio d'Almeida.

## CORRESPONDENCIA

Ex.<sup>mo</sup> Snr. A. Leão Martins, Porto. Pedimos desculpa de não publicarmos ainda hoje o seu escripto.

### EXPEDIENTE

Como, devido á preça com que foi composto e á precepitação que houve na revizão do nosso numero BRINDE, se deram alguns erros typographicos, não os corregimos no presente numero, porque estamos confiados que já foram corregidos pelos nossos doutos leitores.

Fizemos entrega aos presos da Cadeia do resultado obtido pelo numero BRINDE.